

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 551	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120	II DE ABRIL DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

O lugar de honra da nossa chronica pertence hoje a um acontecimento doloroso que foi a nota triste, luctuosa da semana—a morte de Fernando Caldeira.

Pela posição proeminente, que occupava no theatro portuguez contemporaneo, pela gloria radiante, que laureava o seu brilhante nome de dramaturgo e de poeta, pertence lhe de direito esse lugar d'honra nas chronicas dos acontecimentos de Lisboa, como na nossa estima e na estima de quantos o conheciam lhe pertencia lugar de honra pelas subidas qualidades de espirito de coração que faziam d'elle o melhor dos homens.

Mercê d'essa excepcional dualidade de grandezas, que se dava em Fernando Caldeira, a de talento e a de caracter, nós hoje registando aqui com os olhos rasos de lagrimas a morte d'um dos mais queridos amigos, d'um companheiro adorado, registamos ao mesmo tempo o desaparecimento d'um dos espiritos mais brilhantes, dos talentos mais delicados, em quem a delicadeza não excluía a pujança, que tem irradiado no theatro portuguez.

Ferido ha muito tempo pela doença terrivel que o havia de matar, Fernando Caldeira como que não querendo entristecer os seus amigos com o espectáculo doloroso da sua lenta agonia, do esphacelamento progressivo do seu forte e robusto organismo, retirara-se ha mezes da vida alegre e ruidosa de Lisboa, dos theatros onde o seu grande talento tantos triumphos conquistára e sózinho com a sua fatal doença, com as saudades pungentes d'esses entes queridos, que a morte lhe roubára, primeiro sua velha e querida mãe, depois uma sobrinha estremecida a quem elle queria como a filha adorada, metterá-se n'uma quinta na estrada de Bemfica e ahi esperou sereno, tranquillo, resignado a morte que o havia de levar para junto d'aquelles que elle tanto amara.

A morte não se fez esperar.

Na madrugada do dia 2 do corrente uma suffocação matou-o quasi que instantaneamente nos braços do seu irmão Eduardo, que sabendo o muito mal viera ha mezes da Borralha fazer lhe companhia.

A morte foi quasi instantanea, sem agonia, sem estertor, mas ainda assim Fernando Caldeira conheceu-a, advinhou a.

Quando se sentiu affogado pela soffocação, disse ainda com voz bem intelligivel: — Estou prompto!

Foram as suas ultimas palavras.

Os olhos cerraram se-lhe e exhalou o ultimo suspiro.

Junto do seu cadaver vellaram seu irmão Eduardo, umas irmãs de caridade e a grande actriz Lucinda Simões, que tinha por Fernando Caldeira um affecto fraternal, que fôra a intrepete da sua primeira obra dramatica, ha 18 annos,—o *Sapatinho de Setim*, e que, apenas soube que elle tinha morrido, correu a acompanhá-lo nas ultimas horas que o seu cadaver passava em Lisboa.

No dia 4, ás quatro horas da tarde os amigos intimos de Fernando Caldeira, acompanharam-n'o até á estação do caminho de ferro em Bemfica, d'onde, segundo as suas disposições, o seu cadaver seguiu para Agueda, sua terra natal, a dormir



ESTATUA DE JULIO CESAR MACHADO NO CEMITERIO ORIENTAL

ESCUPTURA DO SR. SIMÕES D'ALMRIDA

(Copia de uma photographia do sr. Bobone)

o eterno somno no seu jazigo de familia, ao lado dos seus, que elle tanto adorava.

Em Agueda o dia do funeral de Fernando Caldeira foi um dia de lucto geral. Todas as lojas e estabelecimentos fecharam as suas portas e a população acompanhou o cadaver ao jazigo banhada em lagrimas, chorando como se chora a morte d'um amigo querido!

No proximo numero, o OCCIDENTE publicará o retrato de Fernando Caldeira e então tentaremos esboçar uma rapida biographia do grande escriptor e do chorado amigo.

\* \* \*

Prometemos ha semanas fallar aqui do drama a *Irmã* e da festa do seu auctor, no theatro de D. Maria.

Essa festa só se realisou no dia 5 do corrente porque doenças de artistas incumbidos do drama de papeis principaes fizeram retardar até então a decima quinta recita da applaudida peça.

A festa de Alberto Braga foi uma festa brilhante e o distincto escriptor teve n'essa noite, nas repetidas chamadas que lhe fez o publico, nos numerosos e valiosos brindes que lhe foram offerecidos, a prova de quanto é querido e de como foi bem recebido e bem avaliado o seu distincto trabalho.

A *Irmã*, que pela primeira vez tivemos occasião d'ouvir n'essa noite da festa, é um drama interessante, muito bem dialogado e muito bem representado.

É o segundo trabalho dramático de Alberto Braga, e nota se n'elle um grandissimo progresso sobre o primeiro, um progresso de bom agouro que nos dá direito a esperar do seu auctor trabalhos notabilissimos e nos impõe o dever de o applaudir sem reservas por este seu primeiro triumpho.

Evidentemente está ali um auctor dramático: a *Irmã*, é claro que tem defeitos, mas tem qualidades de primeira ordem, afirma uma vontade tenaz e intelligente no seu auctor, é prova d'uma decidida vocação theatral.

Os defeitos que tem veem da inexperiencia do theatro, inherentes a quem começa: as qualidades são do mais subido valor, e resgatam esses pequenos defeitos, e a prova está no successo franco e sincero que a peça encontrou perante o publico nas suas quinze representações.

O primeiro acto é um esplendido acto de comedia, muito bem pensado e excelentemente dialogado — uma das primeiras qualidades de Alberto Braga e que é incontestavelmente uma das mais poderosas qualidades de auctor dramático.

O segundo acto está feito com muita habilidade theatral: é um acto quasi todo de comedia e o drama surge de repente no final d'esse acto, empolgando o publico.

Os meios de que o auctor se serve n'este acto para provocar a situação dramática são um pouco pueris e ingenuos — é verdade, mas isso desaparecerá logo que Alberto Braga esteja mais senhor dos processos theatraes, e a situação dramática é posta com vigor, com talento, e d'ahi o successo alcançado por esse acto.

O terceiro acto é um dos melhores da peça, senão o melhor, está traçado com vigor, escripto com muita intensidade dramática e foi elle com certeza, que decidiu a victoria alcançada pela peça, victoria pela qual felicitamos sinceramente Alberto Braga, congratulando-nos com elle pela justiça feita pelo publico ao seu talento e ás suas brilhantes qualidades de escriptor.

O quarto acto é o mais fraco da peça, mas a victoria estava já ganha e o successo da peça já garantido.

O desempenho da peça é, em geral, magnifico.

\* \* \*

Na noite immediata, sexta feira 6, deu-se em D. Maria, em primeira representação, um drama em 3 actos, *O Suicida*, original do sr. Lorjô Tavares, o auctor applaudido do *Segredo da Confissão* e da opera comica, *A Moura de Silves*, que ha annos teve grande exito no theatro da Trindade.

*O Suicida* é um drama cheio de situações violentas e architectado sobre um assumpto muito dramático, mas de solução difficil.

O auctor conheceu bem o eschoho da sua peça que era a impressão dolorosa e pesada que das suas situações não podia deixar de sahir, e tentou alegrar o quadro demasiado negro, com o personagem gracioso d'aquella creança, que Rosa Damasceno desempenha com a alegria e gentileza que a distinguem n'este genero de papeis, e com

o personagem comico da impertigada professora ingleza que não pensa senão em comer.

A peça tem scenas excellentes, tem vigor dramático e tem effeitos theatraes que denotam mais uma vez a pujança de pulso de Lorjô Tavares para este genero, e que fazem esquecer as deficiencias que porventura se possam notar aqui e ali na ordidura da peça.

O desempenho do *Suicida*, muito correcto por parte de todos os artistas, foi excellente por parte de Rosa Damasceno, Virginia, Falco, Emilia Lopes, João Rosa, Brazão, Augusto Rosa e o actor Santos que faz muito bem o papel d'um velho marinheiro.

A companhia do theatro do Principe Real do Porto, que como dissemos na nossa ultima chronica está representando no theatro do Principe Real de Lisboa, tem tido um grande e justificadissimo successo.

A peça de abertura foi o *Rei Damnado*, peça que é um verdadeiro triumpho para Angela Pinto e José Ricardo, que da primeira á ultima scena são magnificos nos seus papeis.

A segunda peça foi *Os 28 dias de Clarinha*, comedia-opereta em 4 actos de Antony Marx e Hypolite Raimond, musica de Victor Ruger, e que é uma das peças mais bem feitas, mais engraçadas mais completas que ultimamente a França tem produzido.

O successo dos *28 dias de Clarinha* tem sido verdadeiramente excepcional em Lisboa. Representada ao mesmo tempo em dois theatros, na Trindade, e no Principe Real pela companhia Taveira, a famosa peça enche todas as noites os dois theatros e todas as noites conquista em ambos elles ruidosas ovações.

Na Trindade os *28 dias de Clarinha* são representados excellentemente pela Pepa que é gentilissima no papel de Clarinha, e que com esta peça fez ha noites o seu beneficio, que foi uma festa brilhantissima, a Augusta Cordeiro, Amelia Barros, Portugal, Joaquim Silva, Alfredo de Carvalho, Queiroz, Gomes: no Principe Real são representados excellentemente pela Angela Pinto, que faz uma deliciosa Clarinha, Thereza Mattos, Maria da Luz, Carmen, José Ricardo, Taveira, Santos Mello, Firmínio, etc.

Na nossa terra, com a mania que nós temos de confrontos, todos perguntam, qual vai melhor na peça, se a companhia da Trindade se a do Taveira, mas apesar d'essa mania e d'esse desejo de discutir primarias, ainda não se conseguiu saber qual das duas companhias vai melhor, e aquelles que applaudiram hontem muito na Trindade, applaudem hoje muito do Principe Real, aquelles que applaudiram hontem muito no Principe Real applaudem hoje muito na Trindade e todos tem razão em applaudir porque ambas as companhias vão muito bem.

Para a proxima quinta feira annuncia se uma grande novidade no theatro da Trindade a companhia d'opera-comica franceza, que traz como estrellas a Montbason.

Para não cortar a carreira triumphal dos *28 dias de Clarinha* a companhia da Trindade emquanto n'este theatro se dão as recitas da companhia franceza, vai dar os *28 dias de Clarinha* para o theatro da Rua dos Condes.

A Montbason dá em Lisboa 10 espectaculos e d'elles fallaremos na proxima Chronica.

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### ESTATUA DE JULIO CESAR MACHADO

NO SEU TUMULO, NO CEMITERIO ORIENTAL

A gravura que illustra hoje a primeira pagina d'este numero, é mais uma bella obra d'arte do insigne esculptor o sr. Simões d'Almeida. Na *Chronica Occidental* do n.º 543 deu-se noticia da inauguração da estatua de Julio Cesar Machado, no tumulo mandado fazer por uma comissão de amigos e admiradores do illustre folhetinista, que para esse fim tinham aberto uma subscrição publica.

Hoje completamos essa noticia, publicando a gravura da estatua, que, como dissemos é mais uma obra primorosa do distincto artista e professor.

N'outro lugar encontrarão os leitores um primo-

roso artigo do nosso presado collega e amigo sr. Zacharias d'Aça, arrespeito de Julio Cesar Machado.

### MANIFESTAÇÃO DA ACADEMIA DE COIMBRA ANTE O TUMULO DO INFANTE D. HENRIQUE

Como se sabe, os estudantes da Universidade de Coimbra, não tendo adherido á consagração geral, feita no Porto ao infante D. Henrique, quizeram, por si sós, promover uma manifestação a mais solemne possivel ante o tumulo do esforçado infante.

Assim, pois, se fez, e os estudantes dirigiram-se no dia quatro do mez passado ao convento da Batalha para deporem no sarcophago do illustre varão, uma corôa, commemorando d'esta forma o quingentissimo anniversario do nascimento de D. Henrique.

Partiram, pois, de Coimbra em comboyo expresso para Leiria e da ahi para a Batalha. A recepção entusiastica feita pela academia leiriense aos seus collegas, foi o mais gentil e captivante que dar se pode.

Narremos o que então, na cidade de Leiria, se fez para receber se condignamente a rapida visita dos estudantes de Coimbra.

Logo que em Leiria constou tal noticia, uma comissão de estudantes leirienses, tratou de receber os seus collegas da Universidade e esta recepção como abaixo descrevemos, foi muito ruidosa e mais uma vez demonstrou quanto vale a fraternidade da mocidade das escolas.

Eram nove horas e meia do dia quando chegou o comboyo conduzindo 450 estudantes e outras pessoas. Na frente da machina via-se o retrato do infante D. Henrique e as carruagens estavam ornamentadas com bandeiras, flôres, e pastas de quintanistas.

Aguardavam na *gare* de Leiria os estudantes do Lyceu d'aquella cidade, acompanhados com a Sociedade Artistica Musical Leiriense, a chegada do comboyo. Em volta da estação era grande o numero de pessoas.

Logo que a locomotiva entrou nas agulhas, a phylarmonica tocou o hymno academico, e soltaram se vivas entusiasticos e phreneticos de uma para outra academia.

Apenas trocados os cumprimentos, e no meio de continuas aclamações, formou se o cortejo com a phylarmonica á frente pela ordem seguinte: a comissão conduzindo a corôa, os estudantes de Leiria, o estandarte camoneano, estandarte da tuna, alumnos de theologia, direito, medicina, mathematica, philosophia, pharmacia, etc. com as suas respectivas insignias, seguindo atraz uma enorme multidão. Assim ordenado, foi no meio das mais delirantes saudações que o numeroso cortejo entrou em Leiria e percorreu algumas ruas d'aquella cidade.

Todas as janellas e varandas, todos os pontos por onde passavam os estudantes estavam cheios de povo, que retribuia com uzura as saudações. D'algumas janellas se lançaram flôres, e os vivas subiram de ponto.

Testemunhas de tão brilhante festa, dizem que só a mocidade academica com o seu entusiasmo poderia ter produzido um tão verdadeiro delirio.

Depois, destroçados, seguiram os manifestantes para a Batalha e quando ahi chegaram, a comissão academica, que era presidida pelo alumno do 5.º anno de direito, Abel Correia da Silva Portal, tratou de cumprir o seu voto, subiram ao ar muitos foguetes e a phylarmonica da villa não cessou de tocar.

Teve lugar, então, o depor se a corôa no tumulo do infante, o qual como os nossos leitores viram da estampa que publicamos a paginas 68 do presente volume, fica n'uma magnifica capella lateral do templo e o presidente da comissão, que era o portador pronunciou algumas palavras sobre o motivo que levava a academia de Coimbra a prestar aquella homenagem; sendo este orador seguido de muitos outros.

Cerca das seis horas da tarde, já os estudantes se achavam de regresso a Leiria.

A's 7 começou o banquete, tendo uma das mesas tresentos talheres. Correu animadissimo este jantar, depois os estudantes, após um pequeno sarau no theatro D. Maria Pia, regressaram ás 11 da noite para Coimbra, levando no coração uma certa tristeza por não poderem permanecer mais tempo n'uma cidade que tão bem os acolhera, e com o espirito satisfeito com a homenagem que acabavam de prestar.

Terminamos, esta noticia, com o final do vibrante discurso pronunciado pelo sr. Alfredo Telles, alumno do Lyceu de Leiria, perante o tumulo do infante navegador,





FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO — O CORTEJO FLUVIAL.  
(Desenho pelo sr. J. R. Christino da Silva)

e AA. foram alli recebidas com as honras devidas, demorando-se na visita áquelle navio cerca de um quarto de hora. O «Bellona» quando a familia real se dirigia para a corveta «Sagres», dá a salva da ordenança.

Desembarcada, com o devido ceremonial, a pedra fundamental do monumento, procedeu-se ao assentamento d'ella, depois de respectivamente benzida pelo sr. cardeal D. Americo. O acto da collocação foi feito pela familia real, com a assistencia de todas as autoridades, corporações e uma multidão compacta.

Assignado o auto da inauguração, foi celebrado na igreja parochial de S. Nicolau, um solemne Te-Deum, officiado o sr. cardeal D. Americo.

Discursaram em seguida os srs. conselheiro Ferreira do Amaral, por parte da Sociedade de Geographia de Lisboa, de que é presidente, o sr. Bento Carqueja, membro da commissão do centenario, recitando o sr. Augusto Luz uma poesia.

Depois d'isto procedeu-se á distribuição dos premios:

De 500.000 réis ao sr. Alfredo Alves, como author da melhor memoria que foi apresentada em concurso, ácerca do Infante D. Henrique.

De 300.000 réis ao sr. Fortunato de Almeida, de Coimbra, como author da memoria classificada em 2.º lugar.

De 300.000 réis ao esculptor Thomaz Costa,

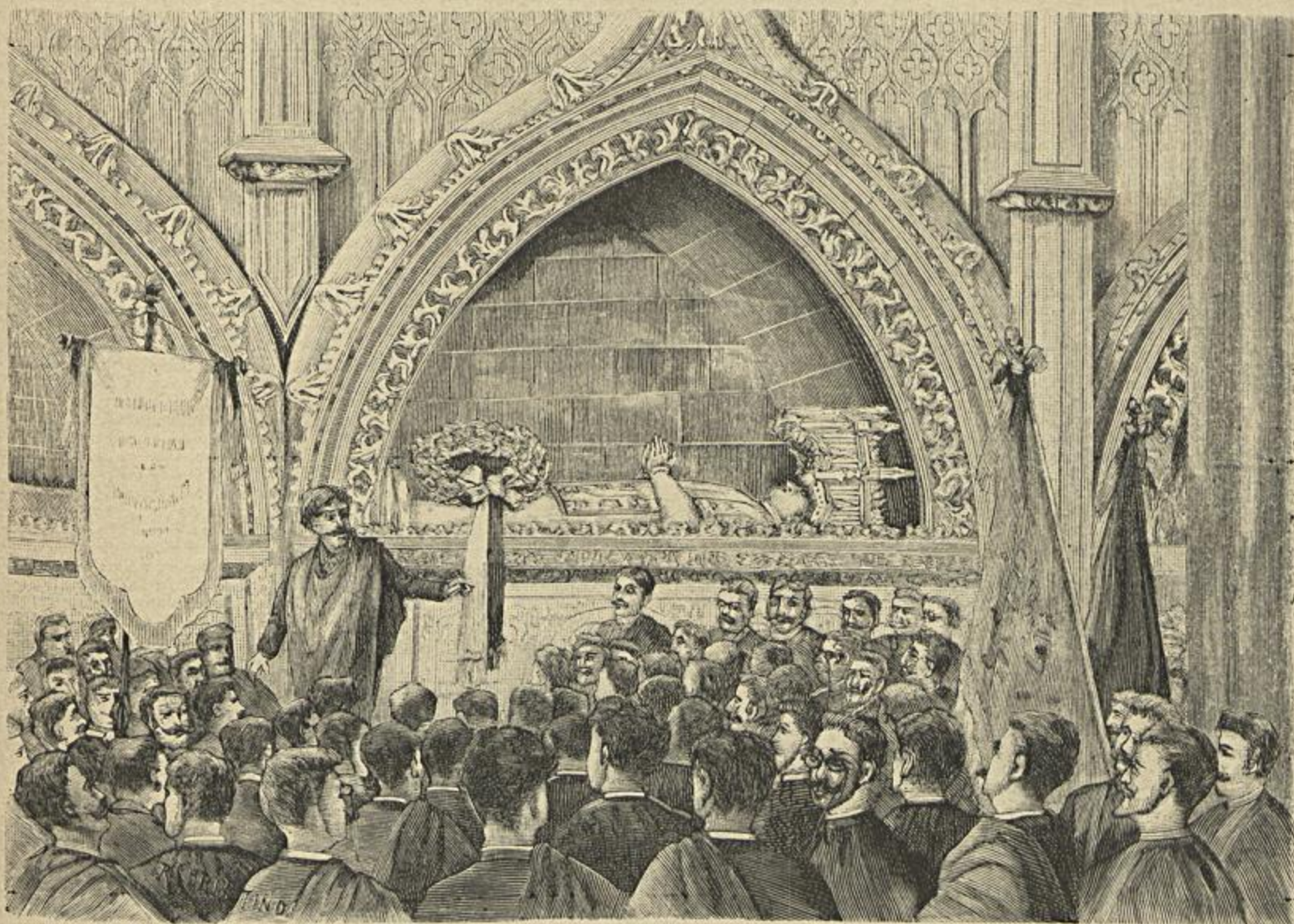
minando detidamente muitos dos objectos expostos.

Terminada essa visita voltaram para o Porto, indo assistir á festa realisada pela Associação dos Bombeiros Voluntarios.

No salão da casa da Associação, onde SS. MM. e convidados entraram, tomou a presidencia o sr. Manoel Vieira de Andrade, que fez um discurso adequado ao acto, seguindo-se-lhe no uso da palavra os srs. Firmino Pereira e padre Francisco Patricio.

Depois d'isto SS. MM. desceram ao pateo da casa, onde havia um pavilhão que lhes era destinado e assistiram á distribuição de um bodo a 160 pobres estando alli tambem 30 creanças de ambos

## CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE



MANIFESTAÇÃO DA ACADEMIA DE COIMBRA ANTE O TUMULO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO MOSTEIRO DA BATALHA

(Desenho pelo sr. J. R. Christino da Silva)

Durante a collocação da primeira pedra do monumento, foi executado pelas creanças, còros e grande banda, o hymno de Alfredo Keil.

A noite houve espectáculo de gala no theatro de S. João, cantando-se a «Hebrea», desempenhada pela companhia do theatro de S. Carlos.

Recitaram poesias os srs. Manoel Vieira de Andrade e Alexandre Braga Junior.

Repetiram-se as illuminações publicas com o mesmo hrlhantismo da noite anterior e no Caminho da Regeneração queimou-se um vistoso fogo de artificio, que foi presenciado por centenas de pessoas.

No dia 5 realisou-se nas salas da Bibliotheca Publica a sessão solemne, commemorativa do centenario, a que assistiram a familia real e comitiva, ministros, autoridades, etc.

A sessão foi aberta pelo sr. conselheiro Costa e Almeida, que expoz o objectivo d'aquella solemnidade.

como author do projecto de monumento, approved em concurso.

De 100.000 ao architecto Ventura Terra, como author de outro projecto classificado em 2.º lugar.

Seguiu-se a distribuição do «Premio Camões», instituido por iniciativa do jornal o «Commercio do Porto», para os alumnos de instrucção secundaria melhor classificados nos respectivos exames.

Terminada a sessão, a familia real acompanhada de quasi todas as pessoas que tinham assistido a ella, dirigiu-se para Villa Nova de Gaya, afim de inaugurar a exposição agricola e industrial d'aquella concelho.

SS. MM. foram recebidas pelas autoridades da villa e pela commissão.

Leu o discurso de abertura o presidente da referida commissão o sr. dr. Arthur Macedo, respondendo el-rei.

SS. MM. percorreram depois a exposição, exa-

os sexos que haviam sido contempladas com vestuarios.

A noite houve jantar de gala no paço, terminado o qual, SS. MM. foram ao Club Portuense, assistir ao baile que alli lhes era offerecido e no qual El-rei dansou com a sr.ª D. Carlota Van-Zeller e a Rainha com os srs. presidente do conselho, Christiano Van-Zeller e conde de Gouveia.

S. M. a Rainha tinha durante o dia visitado o Recolhimento do Bom Pastor e a Crèche de S. Vicente de Paula.

Os principes assistiram de tarde á corrida de touros no Colyseu Portuense.

No dia 6, ás 9 horas da manhã, el-rei foi assistir a um torneio de tiro no Club dos Caçadores e no qual tambem tomou parte, disparando alguns tiros aos pombos.

Depois do meio dia, SS. MM. e AA. foram á freguezia de Gueifães, assistir á inauguração da escola primaria Principe da Beira, mandada





seguir cursos. Ainda que tendo feito o curso de engenheiro, a sua vida trabalhosa não mudou. Posto que, illustrado finamente, com uma comprehensão amplissima, com uma intelligencia vastissima, não achou em Portugal meio que o comprehendesse e em que as suas aptidões mentaes tivessem onde exercer a sua actividade e a sua grande capacidade de trabalhador estrenuo.



CRISPINIANO DA FONSECA

FALLECIDO NO RIO DE JANEIRO EM 14 DE FEVEREIRO DE 1894

Emigrou, pois, para o Brazil, e ahí pela sua illustração e valor, conquistou o extinto litterato, pelos seus indubitaveis dotes de estylista, o lugar de redactor do jornal do Brazil, o *Paiz*.

Foi no dia 14 de fevereiro do corrente anno que Crispiniano da Fonseca foi victimado pela febre amarella, doença de que elle escarneceu muitas vezes.

Merece-nos grandemente a memoria de Crispiano da Fonseca, e assim o OCCIDENTE presta a sua mais sincera homenagem ao mallogrado moço, ao prototypo dos luctadores. Infunde-nos respeito, e entristecemos bastante ao ver tão poderoso talento e tão seguivel exemplo de trabalho, cahir prostrado para nunca mais se erguer.

No Brazil a sua morte foi muito sentida e grandes foram as demonstrações de apreço e de consideração que á sua memoria lhe dispensou a nossa colonia.



GABRIEL D'ALMEIDA

FALLECIDO EM PONTA DELGADA, EM 29 DE JANEIRO DE 1894

Foi para nós uma verdadeira surpresa a noticia da morte de Gabriel d'Almeida, que o telegrapho transmittiu, com o seu habitual laconismo, no dia 30 de janeiro passado, e essa surpresa explica-se por dois motivos, o primeiro porque Gabriel d'Almeida era um novo, o segundo porque havia poucos dias, o paquete dos Açores tinha trazido cor-

respondencia d'elle para nós, acompanhando uns artigos e photographias para serem publicados no OCCIDENTE.

Pobre moço!

Uma tyfica cruel cedo o levou á cova, iludindo-o quiçá até aos ultimos momentos, no meio do seu aturado trabalho e estudo, que lhe permitiu em tão verdes annos deixar um cabedal consideravel de pequenas obras, tendo entre mãos: o *Diccionario Historico Geographico dos Açores*, cuja publicação a morte veio sustar.

Nascido no anno de 1865, em Ponta Delgada, cedo manifestou a sua tendencia para as letras, quando aos 8 annos de idade já fazia uns jornaesinhos manuscriptos que distribuia em familia.

Entretanto Gabriel d'Almeida falto de recursos, não poudo fazer uma educação litteraria tão completa quanto a merecia, porque tendo que procurar no trabalho os meios de que carecia, para a sua subsistencia, só nas horas que lhe sobravam de suas obrigações, se podia entregar ao estudo.

Mas querer é poder, e tomando esta devisa, fez prodigios que não pouco concorreram para a morte prematura que o victimou.

Foi assim que elle escreveu: *Breve noticia sobre a cultura do chá*, outra sobre o *Tabaco*; *Industria Agricola, Typographica e Lithographica na ilha de S. Miguel*; *A ilha de S. Miguel*; *A vinha*; *Fastos Açorianos*; *O Civilizador*; *Manual do Cultivador e manipulador do chá*; *Os Açores e a Industria Pescatoria*; *Os Açores a Colombo*; *A ilha de Santa Maria*; *Guia do Cultivador e manipulador do chá*; *A Authronose*; *Castilho na ilha de S. Miguel*, e muitos outros artigos publicados em varios jornaes e periodicos litterarios e scientificos.

Foi um dos iniciadores da Comissão Central Colombina nos Açores e fundou a Comissão Promotora da Instrução Popular nas ilhas.

Era socio d'um grande numero de sociedades scientificas e outras, tanto nacionaes como estrangeiras, honras que devia ao seu trabalho assiduo, aos naturaes dotes da sua intelligencia, que em tão poucos annos de vida lhe permittiu produzir tão valiosos fructos, e de que tanto havia ainda a esperar.

Pobre moço!



MIGUEL DE BULHÕES

FALLECIDO EM 16 DE MARÇO DE 1894

Poucos jornalistas portuguezes terão tido tão dignas e maiores homenagens em sua memoria do que Miguel Eduardo Lobo de Bulhões. Cheio de erudição e talento a lista dos seus trabalhos é a completa exhibição da grandeza das suas faculdades.

Como homem, foi o mais honesto, quasi puro; o seu espirito superior revelou-se nas porfiadas lides litterarias.

Foi em 1 de maio de 1830 que nasceu este laborioso escriptor. Muito novo, já alguns cursos completára, assim o antigo curso de humanidades, o do commercio, etc.

A sua vida publica, afanosa em extremo pôde enunciar-se d esta forma:

Sendo empregado na junta do credito publico, foi nomeado chefe da repartição de contabilidade de marinha, e, por uma reforma feita n'aquelle

ministerio passou a dirigir, na direcção do ultramar, a 2.ª repartição á qual cabem os negocios geraes da fazenda ultramarina.

Datam de 1858 os seus trabalhos jornalisticos, época em que collaborou no *Futuro* e successivamente, conforme a existencia das respectivas folhas, na *Politica Liberal*, na *Gazeta de Portugal* em portuguez e em francez; no *Paiz*, na *Correspondencia de Portugal* em que era sua a secção *Successos*.

Ha alguns annos que escrevia no *Commercio do Porto* as chronicas de segunda feira, chronicas sempre procuradas e muito lidas pela forma cordata e satyrica como eram escriptas.

Não obstante os seus multiplicados afazeres publicou varios livros importantes, dos quaes citaremos:

*La reforme de l'administration civile en Portugal*; *La dette portugaise*, da qual fez uma edição em portuguez; *Colonias Portuguezas*; *Recordações e vagares*; *A fazenda publica de Portugal*; *Praticas vigentes e varias utopias do auctor*. *Historia e historias*, etc.

Grande era o seu peculio de apontamentos historico litterarios, fructo d'um trabalho activo e consciencioso.

Lobo de Bulhões, era agraciado com a commenda de Izabel a Catholica, mas nunca a usou. Grande era o numero de corporações scientificas nacionaes e estrangeiras de que fez parte. O erudito escriptor padecia ha muito tempo, porém a sua morte, embora esperada, produziu uma impressão tal como só produzem as grandes perdas.



VISCONDE DA BELLA VISTA

FALLECIDO EM 30 DE MARÇO DE 1894

Falleceu no dia 30 de março ultimo o sr. Visconde da Bella Vista, Rodrigo da Costa Carvalho, que vivia na sua casa da villa Thomaz Costa á Graça, e que ha muitos annos era membro da direcção da Companhia das Aguas de Lisboa.

Nasceu na cidade do Porto a 13 de novembro de 1818, filho de José da Costa Carvalho e D. Anna Maxima de Carvalho. Foi ainda muito novo para o Brazil onde adquirio bons meios de fortuna, sendo um dos negociantes mais importantes de Pernambuco.

Em Lisboa foi director do extinto Banco Nacional Insulano, mas onde prestou mais relevantes serviços foi como director da Companhia das Aguas, esse grande melhoramento da nossa capital.

No Banco Nacional Insulano comprometeu uma boa parte da sua fortuna, assim como na Companhia de Mineração Plombifera, que falliu.

São importantes os serviços que prestou como membro de varias associações de beneficencia, o que lhe valeu o titulo com que o governo portuguez o agraciou e varias condecorações bem merecidas.

### Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

### Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 29 — Lisboa